



Vol. 18, número 1, jan-jun, 2025, pág. 119-146

Projeto Histórias Desmedidas e as confluências entre Psicologia e Educação:
pesquisas e inter(in)venções com juventudes em periferias de Fortaleza

Histórias Desmedidas Project and the confluences between Psychology and Education: research and interventions with young people on the outskirts of Fortaleza

Projet Histórias Desmedidas et les confluences entre psychologie et éducation
: recherche et inter(in)ventions auprès des jeunes de la périphérie de Fortaleza

João Paulo Pereira Barros¹

Ana Thais de Albuquerque Norões Boutala²

Antonio Caio Renan Silva Penha³

Bruno Vieira dos Santos⁴

Laisa Forte Cavalcante⁵

Levi de Freitas Costa Araújo⁶

Luiz Ricardo Rodrigues Santana⁷

Natália Matos de Souza⁸

Raimundo Cirilo de Sousa Neto⁹

Rita de Cássia da Silva Cardoso¹⁰

¹ Docente efetivo do Departamento de Psicologia e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC. Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq. E-mail: joaopaulobarros07@gmail.com

² Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e bolsista do Programa de Iniciação Científica pelo CNPq. E-mail: anaboutala@alu.ufc.br

³ Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação-PIBITI/UFC. E-mail: caiorenan@alu.ufc.br

⁴ Pós-doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: brunovieira.comunica@gmail.com

⁵ Psicóloga, Mestra e Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: laisacavalcante9393@gmail.com

⁶ Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e bolsista do Programa de Iniciação Científica pelo CNPq. E-mail: leviprofpsi24@gmail.com

⁷ Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e bolsista de extensão do Projeto Histórias Desmedidas. E-mail: luizric@alu.ufc.br

⁸ Psicóloga, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: nataliamatos776@gmail.com

⁹ Psicólogo, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará e bolsista pela CAPES. E-mail: xrcirilo@gmail.com

¹⁰ Psicóloga, Especialista em Educação e Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. E-mail:



Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar a realização de iniciativas ligadas ao projeto Histórias Desmedidas que exemplificam a articulação de investigações no âmbito da pós-graduação com ações de extensão, pela perspectiva da pesquisa-inter(in)venção, todas realizadas no contexto territorial do Grande Bom Jardim (GBJ), área periférica sul da cidade de Fortaleza (CE). O projeto integra as ações do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES), ligado ao Departamento de Psicologia e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Serão enfatizadas 4 experiências realizadas entre os anos de 2023 e 2024 e que evidenciam as potências dos encontros entre Psicologia e Educação Pública, bem como entre pesquisa e extensão: 1) “Bom de Papo”, iniciativa que surgiu em 2018 e 2019 com a proposta de discutir trajetórias e perspectivas de jovens e adolescentes focando na prevenção de homicídios e que foi reativada em 2023 e 2024; 2) “Desmontando o Cubo Branco e Construindo Outros Mundos”, uma ação de continuidade ao Bom de Papo que promove espaços de experimentações e diálogos sobre narrativas artísticas; 3) o “Festival das Juventudes”, realizado no território do GBJ desde 2018, configurando-se como um espaço de elaboração, integração, partilha e reexistência para as coletividades periféricas, promovendo uma cultura de valorização dos direitos humanos através da cultura e da arte; e (4) o “grupo de apoio psicossocial a juventudes LGBTQIA+”.

Palavras-Chave: Psicologia; Educação; Juventudes; Pesquisa-intervenção; Extensão.

Abstract

The objective of this article is to present the implementation of initiatives linked to the Histórias Desmedidas project that exemplify the articulation of investigations in the scope of postgraduate studies with extension actions, from the perspective of research-inter(in)vention, all carried out in the territorial context of Greater Bom Jardim (GBJ), southern peripheral area of the city of Fortaleza (CE). The project integrates the actions of the Research and Intervention Group on Violence, Social Exclusion and Subjectivation (VIESES), linked to the Department of Psychology and the Postgraduate Program in Psychology at the Federal University of Ceará (UFC). 4 experiences carried out between 2023 and 2024 will be highlighted and which highlight the potential of encounters between Psychology and Public Education, as well as between research and extension: 1) “Bom de Papo”, an initiative that emerged in 2018 and 2019 with the proposal to discuss trajectories and perspectives of young people and adolescents focusing on homicide prevention, which was reactivated in 2023 and 2024; 2) “Disassembling the White Cube and Building Other Worlds”, a continuation of Bom de Papo that promotes spaces for experimentation and dialogue about artistic



narratives; 3) the “Youth Festival”, held in the GBJ territory since 2018, configuring itself as a space for elaboration, integration, sharing and re-existence for peripheral communities, promoting a culture of valuing human rights through culture and art ; and (4) the “psychosocial support group for LGBTQIA+ youth”.

Keywords: Psychology; Education; Youth; Intervention research; Extension.

Résumé

L'objectif de cet article est de présenter la mise en œuvre d'initiatives liées au projet Histórias Desmedidas qui illustrent l'articulation de recherches dans le cadre d'études postuniversitaires avec des actions de vulgarisation, dans la perspective de recherche-inter(in)vention, toutes réalisées dans le contexte territorial du Grand Bom Jardim (GBJ), zone périphérique sud de la ville de Fortaleza (CE). Le projet intègre les actions du Groupe de recherche et d'intervention sur la violence, l'exclusion sociale et la subjectivation (VIESES), lié au Département de psychologie et au Programme de troisième cycle en psychologie de l'Université fédérale du Ceará (UFC). 4 expériences réalisées entre 2023 et 2024 seront mises en valeur et qui mettent en valeur le potentiel de rencontres entre psychologie et éducation publique, ainsi qu'entre recherche et vulgarisation : 1) « Bom de Papo », une initiative née en 2018 et 2019 avec le proposition de discussion sur les trajectoires et les perspectives des jeunes et des adolescents en se concentrant sur la prévention des homicides, réactivée en 2023 et 2024 ; 2) « Démontez le cube blanc et construisez d'autres mondes », une continuation de Bom de Papo qui promeut des espaces d'expérimentation et de dialogue sur les récits artistiques ; 3) le « Festival de la Jeunesse », organisé sur le territoire GBJ depuis 2018, se configurant comme un espace d'élaboration, d'intégration, de partage et de réexistence pour les communautés périphériques, promouvant une culture de valorisation des droits de l'homme à travers la culture et l'art ; et (4) le « groupe de soutien psychosocial pour les jeunes LGBTQIA+ ».

Mots-clés: Psychologie ; Éducation; Jeunesse; Recherche interventionnelle; Extension.

Projeto Histórias Desmedidas e as confluências entre Psicologia, Educação e Periferias Urbanas

Iniciado em 2016, o projeto de extensão "Histórias Desmedidas" está vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Esta iniciativa faz parte do VIESES: Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência,



Exclusão Social e Subjetivação, programa registrado junto à Pró-Reitoria de Extensão. O título do projeto foi inspirado no documentário "Crônicas (Des)Medidas", um média-metragem com roteiros e direção da Profa. Dra. Alyne Alvarez Silva, que retrata histórias de pessoas internadas em um Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) do Pará.

Desde a pandemia de Covid-19, com a fusão dos projetos Re-Tratos da Juventude e Entretantos ao Projeto Histórias Desmedidas, este expandiu significativamente seu escopo e suas atividades. Isso porque passou a se direcionar a um público mais amplo: sujeitos e grupos em condições de desigualdade que enfrentam seletividade racial, social e de gênero dos dispositivos punitivos, inseridos em contextos periféricos marcados por violências, lutas pela garantia de direitos e condições de sociabilidade que proporcionem reconhecimento social e simbólico (Souza et al, 2023).

Por isso, desde 2020, o Histórias Desmedidas busca intensificar a produção de práticas de reexistência de sujeitos e grupos periféricos frente às políticas contemporâneas e neocoloniais de produção da morte, apagamento simbólico, estigmatização, precarização desigual da vida e maximização punitiva. Para alcançar esses objetivos, a ação aborda transversalmente as questões da produção narrativa e das políticas de memória, entendidas como práticas de resistência e transformação nos modos de subjetivação.

Para sua atuação nesse escopo, o projeto fundamenta-se teoricamente em diálogos entre a psicologia e campos transdisciplinares, como a filosofia da diferença, os estudos contracoloniais, os estudos feministas e trabalhos no campo da criminologia crítica (Barros; Benício, 2017; Barros et al., 2019; Barros et al., 2017; Barros, 2019; Barros; Benício; Bicalho, 2019). No que se refere às relações entre extensão e pesquisa, o projeto esteve articulado, entre 2021 e 2023, ao desenvolvimento da Pesquisa Guarda-Chuva do Programa VIESES, intitulada "Aspectos Psicossociais da Violência e Práticas de Re-Existência em Periferias de Fortaleza-CE", devidamente cadastrada na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFC e contemplada pelas Chamada CNPq Nº 09/2020 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa - PQ e pelo Edital 07/2021 da FUNCAP.



Além disso, as intervenções do projeto têm se articulado a diversas pesquisas de mestrado e doutorado desenvolvidas por integrantes do VIESES. Essa articulação entre extensão e pesquisa proporciona interações profícuas entre discentes de graduação e pós-graduação, além de integrar a prática extensionista à produção de conhecimento acadêmico.

Este texto vem apresentar a realização de quatro iniciativas ligadas ao projeto Histórias Desmedidas que exemplificam a articulação de investigações no âmbito da pós-graduação com ações de extensão, pela perspectiva da pesquisa-inter(in)venção, todas realizadas no contexto territorial do Grande Bom Jardim (GBJ), área periférica sul da cidade de Fortaleza (CE): “Bom de Papo”, iniciativa que surgiu em 2018 com a proposta de discutir trajetórias e perspectivas de jovens e adolescentes focando na prevenção de homicídios; “Desmontando o Cubo Branco e Construindo Outros Mundos”, uma ação de continuidade ao Bom de Papo que promove espaços de experimentações e diálogos sobre narrativas artísticas; o “Festival das Juventudes”, realizado no território do GBJ desde 2018 configurando-se como um espaço de elaboração, integração, partilha e reexistência para as coletividades periféricas, promovendo uma cultura de valorização dos direitos humanos através da cultura e da arte; e o grupo de apoio psicossocial a juventudes LGBTQIA+.

O que pretendemos evidenciar com esse relato de experiência é a utilização de recursos metodológicos que empreendem a articulação e a circulação de saberes que não se restringem à Academia, mas que se conectam de maneira interepistêmica (Faria; Mayorga, 2024) na produção de subjetividades e na reflexão sobre o enfrentamento às opressões colocadas pela Hegemonia, com H maiúsculo. Dentro de um escopo mais amplo, revelamos aqui também a Extensão Universitária como importante estratégia de intervenção em territórios que, mesmo vulnerabilizados por condições históricas, sociais, políticas, ambientais e econômicas, pulsam o calor da resistência diante processos de genocídio e epistemicídio.

De(s)colonizando o debate sobre “ser pardo” em uma Escola Pública fortalezense



O projeto “Bom de Papo” surgiu em 2018 com o intuito de debater acerca dos trajetos e das perspectivas de jovens e adolescentes focando na prevenção de homicídios, com base em evidências e recomendações do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (CCPHA). Após passar um período realizando oficinas em escolas públicas que pautavam sobre assuntos como homicídios e cuidados psicossociais, em 2023, com o retorno da presencialidade pós-pandemia, foi reestruturado, articulando uma pesquisa de mestrado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC a esse eixo de ação do Histórias Desmedidas.

Tal reformulação foi pensada após a realização da oficina “Pintura em tela: retratos de raça e identidade” no V Festival das Juventudes, no Centro de defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS), em que emblemas como o desconhecimento acerca dos processos de racialização denunciaram o objetivo específico a ser elaborado a posteriori nas ações escolares: a experiência de se auto identificar enquanto uma pessoa parda como um limbo racial, ou um “não lugar”. Em diálogo a essa questão denunciativa, Carneiro (2011) aponta a aceitação da ausência de identidade racial ou confusão racial dominante como um dos aspectos mais surpreendentes da nossa sociedade e expõe que fomos e ainda somos ensinados a usar a mestiçagem como uma carta de alforria frente ao estigma da negritude.

As ações iniciaram efetivamente em setembro de 2023 após uma série de articulações com o grêmio estudantil, educadores e coordenadores de uma escola pública da região sudoeste de Fortaleza, tendo em vista a possibilidade de ampliar a discussão sobre raça, racismo e branquitude juntamente a outros marcadores sociais da diferença. As oficinas foram realizadas com estudantes de Ensino Médio que se autodeclararam pardos e estava vinculada à extensão e a uma dissertação de mestrado intitulada “Branco/a demais pra ser negro/a e negro/a demais pra ser branco/a”, ambas vinculadas ao VIESES.

Branco/a demais para ser negro/a e negro/a demais para ser branco/a; eis um dilema que perpassa os processos de racialização de jovens mestiços e mestiças no Brasil frente aos significados atribuídos a ser uma pessoa negra em nossa sociedade cujo ideal é o da branquitude. Sobre isso, Lima (2020) aponta que não é possível



pensar em sujeitos negros/negras e seus processos subjetivos sem considerar a força que a colonialidade opera na maquinaria da racialidade, visto que ela atravessa as relações sociais atuando através da linguagem ao mesmo tempo em que violenta, classifica, hierarquiza, subjuga, desumaniza e extermina as vidas negras. Discutir os processos de racialização de pessoas pardas e seus impactos subjetivos e territoriais também contribui para desmontar a branquitude e seu projeto de embranquecimento, ao afirmar identidades plurais que resistem e criam zonas de vida, mesmo sob a necropolítica. E é com base nessa dualidade vivida por muitos jovens periféricos pardos que as oficinas foram estruturadas.

Metodologicamente o trabalho estruturou-se em ciclos de oficinas, totalizando 4 encontros com 10 discentes do Ensino Médio, que variavam em idade, gênero e sexualidade e a maioria do 1º ano, todos de periferias do GBJ. Epistemologicamente essa abordagem em grupo reflete o que Galindo et al. (2022) e Barros (2020) descrevem como ações voltadas para a criação de redes e de comuns que culminam em um dispositivo construído de maneiras diversas, incluindo por meio de práticas artísticas poéticas abertas ao inesperado, se fundamentando em pesquisas inter(in)ventivas e participativas, ancoradas em apostas contra-coloniais, decoloniais e pós-estruturalistas. Assim, formar grupos é, também, um ato de rebeldia coletiva, que não apenas subverte a visão comum dos processos grupais, mas cria espaços de afeto, fabulação e de linhas de fuga.

A primeira oficina teve como temática “O que é ser pardo/a?”, em que o objetivo era compreender como a experiência de identificação enquanto pardos atravessava suas vivências-trajetórias. Após um momento dinâmico em que foram pintados autorretratos, nos organizamos em roda de conversa onde dialogamos sobre o momento e a partir de então muitos tensionamentos foram feitos, entre eles o fato de a maioria, apesar de se colocarem enquanto sujeitos pardos, não se perceberem negros, resultando no “lugar do pardo” enquanto um campo de disputa. Fanon (2008) nos traz uma contribuição importante nessa reflexão ao expor que no mundo branco, pessoas de cor encontram dificuldade em elaborar seu esquema corporal, uma vez que o conhecimento desse corpo, inserido em contexto social é, também, adquirido através do olhar do outro. Andrade (2023) argumenta que a quebra com esse modelo



de determinação de identidade racial se mostra como uma possibilidade de reconfiguração do que ele chama de pacto narcísico das pessoas pardas. Assim, há uma luta que vem sendo construída ao longo do tempo por várias vias possíveis, entre elas por epistemologias rebeldes (Kilomba, 2019) pela desnaturalização do limbo racial em que pessoas pardas crescem e são subjetivadas precocemente.

Por apostarmos em uma PesquisaCom, em que busca-se não cristalizar o fazer e o participar (Costa et al. , 2020), os demais encontros foram decididos juntamente aos alunos, tendo como tema para a segunda oficina “Relações étnico-raciais e família”, em que discutimos como são feitos os diálogos entre famílias inter-raciais e como a existência ou não desses debates interferem nas vidas dos participantes. Seguindo o formato do primeiro encontro, tivemos primeiramente um momento lúdico em que os alunos foram montando a sua árvore genealógica e depois disso conversamos sobre como chegava, ou melhor, se chegava nas suas relações interpessoais conversas sobre raça e racismo. Em suma, muitos deles disseram que quando havia, era tratado transversalmente. Além disso, foi-se destacado o ambiente familiar como e racista, ou reprodutor de falas racistas.

Schucman (2018) reflete sobre como no Brasil o racismo está tão intimamente imbricado em todas as estruturas sociais que se desvela, inclusive, nas relações familiares. Sendo a família nossa primeira instituição de contato, onde muitos valores políticos, afetivos, sociais e culturais são transmitidos, falar sobre raça deveria e é fundamental para deslegitimar certas violências que existem dentro e fora de casa. Em consonância com isso, França (2006) argumenta que quando há espaços para a socialização e práticas educativas antirracistas na família, abre-se espaço também para um ambiente de respeito e de valorização identitária.

No terceiro encontro foi-se discutido sobre interseccionalidade, a partir das encruzadas entre raça, gênero, sexualidade e classe. Nessa oficina iniciamos com uma conversa sobre as vulnerabilidades sociais e como elas contribuem na produção e na permanência de iniquidades relacionadas aos marcadores sociais da diferença. Após isso, realizamos uma dinâmica em que os participantes responderam sobre sua cor, gênero, sexualidade, religião e o que gostavam de fazer. Em geral, dialogamos sobre como várias questões sociais e estruturais brasileiras se baseiam em manter os



privilégios da branquitude cisheteronormativa, distanciando corpos dissidentes de uma equidade.

A interseccionalidade é uma perspectiva analítica para compreender as facetas complexas da discriminação e da exclusão a partir das sobreposições dos diversos marcadores sociais da diferença (Crenshaw, 2017). Assim, indo ao encontro da tese de Benício et al. (2018), há uma produção de tecnologias de morte operadas pela discrepância de acessos e do desamparo em diversas instâncias, que têm por resultado a manutenção de um *status quo*. Contudo, é preciso nos sonhar vivos, e por isso ficcionamos e reinventamos nossos trajetos ferindo as tramas coloniais que vão sendo impostas ao longo das nossas vidas, pois concordando com Veiga (2021), é na dimensão da impossibilidade que imaginação atua em sua potência máxima.

A quarta e última oficina teve como centralidade a avaliação dos jovens e das jovens acerca da repercussão das discussões realizadas nos encontros anteriores. Começamos devolvendo a eles e elas as produções de cada uma das oficinas, autorretratos e árvores genealógicas, e conversando acerca dos encontros e o que levariam de cada um deles, ao fim desse momento, nos dividimos em dois grupos para fazer uma colagem que representasse essa trajetória. As colagens e a conversa nos mostraram da importância de espaços onde jovens negros/negras possam dialogar sobre raça e contar suas histórias, possibilitando assim que elaborarem seus processos de racialização.

Gomes (2019) coloca o silêncio como uma das principais características do limbo identitário-racial e, nesse sentido, Kilomba (2019) destaca a fala de pessoas negras como um ato de resistência e empoderamento, um movimento para resgatar histórias apagadas pela dinâmicas de poder que a colonialidade constroi em nossa sociedade.

Dentre os apontamentos dos/das jovens, apareceu também a importância das oficinas acerca da percepção sobre o racismo que era direcionado a eles e elas. Um dos jovens verbalizou que antes não percebia que episódios vividos como racismo, enxergava como uma brincadeira, mas que após as trocas nas oficinas, passou a entender que é algo grave e sério. Surgiu também, falas expressando o espaço das



oficinas como a possibilidade de perceber que não estão sozinhos/sozinhas no que se refere às experiências vividas e possibilidades de re-existências.

Desmontando o Cubo Branco e Construindo Mundos Outros: Enfrentamentos ao Racismo através de Experimentações Artísticas Periféricas

Em 2024, as oficinas do Bom de Papo foram continuadas a partir do Curso de extensão "Desmontando o Cubo Branco e Construindo Mundos Outros: Enfrentamentos ao Racismo através de Experimentações Artísticas Periféricas". O curso teve o objetivo de promover espaços coletivos de diálogos e experimentações no território do Grande Bom Jardim acerca dos efeitos das produções narrativas e artísticas de juventudes negras e periféricas de Fortaleza no enfrentamento do racismo e dos (im)factos da branquitude, a partir da potência das encruzilhadas entre arte, cultura e descolonização.

Partindo de referências teóricas da psicologia social e de áreas afins sobre relações raciais trabalhados pelo VIESES, que entendem a branquitude como um sistema de manutenção de privilégios e ao mesmo tempo produção de iniquidades que se baseia na hierarquização racial (Bento, 2014, 2022). Tais privilégios e iniquidades podem ser observados nos mais diversos âmbitos da vida, como na política, economia, saúde, educação, cultura e estética. A partir disso, são produzidos lugares ontológicos de subalternização, violência e eminente extermínio de corpos negros (Mbembe, 2018).

Sendo o branco o ideal de humano e de civilização, ocorre a perversa cristalização das subjetividades negras em figuras fóbicas que, atualizadas e cruzadas com outros marcadores da diferença, como o território, criam os favelados, pirangueiros, vetins, envolvidos, vagabundos, bandidos. Essas e outras categorias articuladas, têm sido usadas pela racionalidade branca para destacar do Estado moderno-colonial e do campo das sensibilidades artísticas autorizadas, as vidas que não obedecem às suas lógicas necropolíticas de exploração (Mbembe, 2020; Moreira, 2021).



Logo, problematizar, de maneira participativa e vivencial, as formas criativas de re-existir nestes contextos é uma escolha pelo programa de descolonização, que se desenha aqui como uma possibilidade de subjetivação, uma estética da existência que nega e rompe a todo instante com a dinâmica da branquitude, as lógicas capitalistas, patriarcais, binárias e cisheteronormativas através de uma violência criadora de novas existências, sujeitos e mundos (Silva et al., 2023; Lacaz; Lima; Heckert, 2015; Fanon, 2022; Silva et al., 2023).

Neste íterim, a necessidade de criar espaços dialógicos e criativos entre universidade e sociedade, que discutam maneiras efetivas de enfrentar o racismo através da produção de novas narrativa para corpos negros e periferizados, sustentaram a justificativa deste curso. Pretendeu-se, assim, experimentar a confluência de trajetórias, saberes, práticas e experiências na direção da promoção de direitos de juventudes e da construção de conhecimentos territorializados, inventivos e contracoloniais para o campo da Psicologia Social e das Ciências Humanas.

Salientamos que a ação foi promovida em parceria com o Artes Insurgentes, projeto vinculado ao VIESES e também ao Laboratório de Psicologia, Subjetividade e Sociedade (LAPSUS/UFC), sob o fomento da Pró-reitoria de Cultura da UFC. Além disso, compôs com o cronograma de ações do Iniciativas de Desenvolvimento Comunitário do Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ). A referida extensão também se articula a uma pesquisa-inter(in)venção ligada a uma dissertação de mestrado em psicologia, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC.

Com duração média de 1h30min, os encontros aconteceram no CDVHS e contaram com a participação de cerca de 20 pessoas, previamente inscritas via *Google Forms*. Os temas trabalhados foram divididos em 3 módulos: 1) Efeitos Psicossociais do racismo no Brasil e dinâmica da branquitude; 2) Práticas e experimentações artísticas desde as periferias negras; e 3) Exercícios curatoriais. A partir desses tópicos, foram geradas discussões coletivas e experimentações artísticas diversas que dialogassem com as temáticas compartilhadas e promovessem reelaborações sensíveis sobre as trajetórias dos participantes.



Entendendo a cozinha como o melhor, mais necessário e bem cuidado lugar, os encontros foram estruturados tendo início com um breve momento para confraternização entre os integrantes seguido de apresentações e acordos de funcionamento dos encontros (Bispo, 2023). Logo após seguimos com a apresentação dos temas propostos e compartilhamentos acerca dos entendimentos e experiências evocadas pelo tema. Ao final, propomos uma experimentação coletiva com a confecção de uma materialidade artística final que condense as discussões, percepções e entendimentos gerados pelo encontro. O registro, tanto das entrevistas, como das oficinas, é feito a partir de diários de campo, gravações e posteriores transcrições e outras materialidades como filmagens e fotografias

Antes do início do curso, foram realizadas inúmeras estratégias de mobilização, como rodas de conversa com o tema “Espaços de arte, cultura e lazer para a juventude do Grande Bom Jardim”, proposto pelo CDVHS; produção de zines artísticos; reuniões com grêmios escolares, passagens em sala de aula e batucadas. Essas ações refletem uma tentativa genuína de envolver a juventude periférica em discussões sobre sua própria realidade e potencial criativo, mas também levantam questões sobre a eficácia de tais iniciativas em um contexto de marginalização.

Até o momento, já foram realizados 6 encontros do curso de extensão. O primeiro teve como tema *Racismo e Branquitude no Brasil: efeitos de suas operações em periferias urbanas*, um debate essencial para a compreensão das estruturas de opressão que ainda permeiam as periferias.

No segundo encontro, contamos com a presença dos coletivos Jovens Agentes de Paz e Artes Insurgentes para discutir *Artes e reexistências: experiências de coletivos juvenis*. Este foi um momento significativo, pois trouxe à tona as iniciativas artísticas que surgem como resposta ao contexto de violência e exclusão. Com isso, é preciso questionar se, ao celebrarmos essas práticas de resistência, estamos de fato criando espaços seguros e sustentáveis para que esses coletivos possam continuar existindo sem depender do constante apoio institucional ou de políticas públicas volúveis.

Já o terceiro encontro, nomeado *Moda autoral Periférica e Indígena*, foi uma parceria com o coletivo Cria Delas e contou com a participação das artistas e



empreendedoras Miky Vitorino e Pretassa. A discussão sobre moda periférica e indígena trouxe uma visão rica sobre como essas manifestações podem dialogar com a identidade e as lutas sociais. É necessário refletir sobre os desafios estruturais que envolvem o acesso à produção e distribuição dessas peças e a viabilidade econômica para as artistas periféricas, que ainda enfrentam um mercado de trabalho excludente e racista.

No quarto encontro, discutimos e experimentamos o conceito Arquivo Colonial através da arte contemporânea (Hartman, 2020) e da noção de Imagens de Controle da pensadora Patricia Hill Collins (2019). Este encontro foi importante para refletirmos sobre como as narrativas históricas coloniais ainda se perpetuam nas formas de controle sobre as populações marginalizadas. Entretanto, é crucial considerar se a academia e as artes contemporâneas têm sido suficientemente inclusivas para integrar as vozes e as epistemologias periféricas que tanto criticam esses arquivos e imagens dominantes.

Já nos dois últimos encontros realizados até o momento, o curso compôs com a programação da XII Marcha da Periferia, que teve como tema *Periferia Livre: políticas para a vida e não para a morte*. No quinto encontro, que fez parte da Prémarcha, momento de mobilização e organização para o ato, foi realizada uma oficina de estandarte, com a participação de um público maior e mais diverso do que o do curso, já que contávamos com a participação de inúmeros movimentos sociais com incidência no território do GBJ. No sexto encontro, participamos do cortejo da Marcha da Periferia. Com isso, reafirmamos o caráter de avizinhamo que das ações, mantendo e apostando nas convocações que o próprio campo de extensão, em aliança com a pesquisa, faz. Dessa forma rompemos com a hierarquização colonial que é fantasiada quando pensamos a relação da universidade com a sociedade, promovendo horizontalizações e alianças potentes em favor da promoção de direitos e da vida.



“Construir uma vida para além das caixas”:¹¹ O Festival das Juventudes e a construção de dispositivos de promoção de direitos humanos.

O Festival das Juventudes é outra atividade de grande importância onde o Histórias Desmedidas se insere. Esse dispositivo insurgente às políticas de precarização das juventudes (Barros et al., 2023) efetua-se desde 2018 no território do Grande Bom Jardim, reunindo jovens advindos das seis escolas públicas de ensino médio parceiras do Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza. Na condição de dispositivo artístico-cultural, o Festival constitui espaços de elaboração, integração, partilha e re-existência por parte das coletividades periféricas, promovendo uma cultura de valorização dos direitos humanos por meio da cultura e da arte. Nesse texto, será dado enfoque às suas quinta e sexta edição, que ocorreram nos anos de 2023 e 2024. Mas, desde 2018 o VIESES tem colaborado com o Festival. De 2021 para cá, o projeto Artes Insurgentes, parceria entre VIESES e LAPSUS, atua diretamente na organização conjunta do Festival junto ao coletivo Jovens Agentes de Paz (JAP), ligado ao CDVHS.

Todo ano, no primeiro semestre, são realizadas atividades em quatro sábados, como oficinas, palestras, saraus, rodas de conversas, apresentações artístico-culturais com militantes, artistas, figuras públicas e coletivos periféricos, negros, LGBTQs, feministas e juvenis.

¹¹ Título faz alusão a uma performance realizada por uma das pessoas convidadas para realizar uma performance no primeiro dia do Festival das Juventudes de 2023. O artista em questão, tensionava outras formas de insurgir enquanto corpo negro, LGBTQ e periférico para além daquilo que o mesmo denominava caixas, que atuavam como dispositivos coloniais de controle e subjugação dos corpos dissidentes no Grande Bom Jardim.

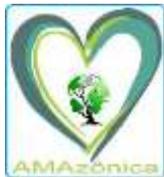


Imagem 1

Primeiro dia do VI Festival das Juventudes 2024, Acervo pessoal



A partir dos eixos “Ser Jovem”, “Ser Jovem Agente de Paz”, “Ser Livre” e “Ser daz’área” são articuladas discussões sobre questões que atravessam a experiência juvenil, bem como são maquinadas e experienciadas outras possibilidades de narrativização e movimentação nos territórios, a partir da arte e da articulação política. A proposta de integrar cultura arte como dispositivo de educação em direitos humanos no contexto das juventudes do Grande Bom Jardim passa por reconhecer as potências da expressão artística e cultural enquanto possibilidade de criação de outros possíveis através das subjetividades periféricas do território (Miranda & Félix-Silva, 2022).

No ano de 2023, o tema escolhido para a quinta edição foi “Favela Vive”, tema esse que buscou marcar uma reafirmação da potência de (re)existência (Achinte,



2017) das coletividades juvenis e periféricas. Por meio das discussões engendradas por esse tema, a quinta edição do Festival demarcou politicamente a inventividade e criatividade política/artística e epistêmica existente nas periferias brasileiras, em especial do Grande Bom Jardim. Contornava-se assim uma dimensão necropolítica (Mbembe, 2018) e epistemicida das estruturas sociais coloniais, patriarcais e capitalistas, que buscavam a despotencialização e apagamento das narrativas subalternizadas. Dentre as atividades onde o Histórias Desmedidas compôs, para além da colaboração nas demais atividades do Festival, destaca-se uma oficina “Pintura em tela: Retratos de raça e identidade”. Feita conjuntamente com jovens onde se objetivou tensionar as representações raciais a cerca das compreensões de negritude e branquitude então vigentes e construir um caminho elaborativo para a apreensão de uma negritude em sua diversidade. Nesse caminho, entrelaçou-se a pesquisa de mestrado de uma das componentes do Histórias com as ações de extensão em campo cujos encontros efervescem no sentido do entendimento das múltiplas formas de pertencimento e elaboração racial que juventudes pardas podem estabelecer. Essa oficina atuou como uma ação preparatória para os encontros do Bom de Papo que viriam ocorrer no segundo semestre daquele ano e que estão relatadas neste mesmo manuscrito.

Já no ano de 2024, o Histórias Desmedidas compôs tanto na viabilização do Festival, quanto através da oficina nomeada “Recortando a História”. A ação contou com 17 participantes, todos jovens com idades entre 15 e 19 anos e todos racializados como negros - levando-se em consideração a categorização do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o grupo racial negro engloba pretos e pardos. Na metodologia utilizaram-se pinturas e imagens que remetem a cenas coloniais das quais os corpos negros são constantemente remetidos enquanto herança, desde pinturas de cenas de açoite até figuras caricatas de pessoas negras. A proposta da oficina partiu para desmontar o arquivo colonial (Pereira, 2016) através de fotocollagens e intervenções nas pinturas e fotografias coloniais clássicas como formas de recontar histórias e estimular o pensamento fabulatório, catalisando em conjunto com as juventudes novas formas de contar histórias para além daquelas reveladas pelas colonialidade. Esse movimento recorda a maneira como o arquivo



colonial estrutura não uma espacialidade, mas uma lógica, um sistema de saber-poder que determina as estéticas do corpos negros na perpetuação através de outras cenas que se atualizam. A profanação estética desse arquivo-morte durante o Festival das Juventudes retoma o tema escolhido para o evento em 2024 que foi “Conhecimento e diversidade” no sentido da construção de um saber que se faz na pluralidade e que não pode ser concretizado sob a base da feição colonial.

Assim, percebemos que os encontros agenciados no/pelo Festival das Juventudes possibilitam a construção de zonas de troca que fortalecem o contato da pesquisa com o próprio território, por meio da extensão, bem como implicam o fazerCOM como ferramenta de aproximação e reconhecimento dos agentes que operam em campo, seja o CDVHS, seja os pesquisadores-extensionistas, seja os próprios jovens que fazem o Grande Bom Jardim ser o que ele é.

A participação no Festival foi chave para a realização de pesquisas de iniciação científica ligadas ao VIESES nos últimos anos, sendo também uma oportunidade de inserção em campo de diversas outras pesquisas de dissertação do laboratório.

“Vamos começar o Grupo das Gays?”¹²: Grupo de apoio psicossocial voltado a juventudes LGBTQIA+ de uma escola pública do Grande Bom Jardim.

Nesta seção iremos situar o grupo de apoio psicossocial voltado a juventudes LGBTQIA+ estudantes do ensino médio do Grande Bom Jardim, nomeado coletivamente de “grupo das gays”, um outro eixo de atuação do projeto de extensão Histórias Desmedidas em 2023 e que esteve vinculado ao campo de uma pesquisa de doutorado em andamento. A tese em questão se debruça nas narrativas de opressões e resistências de juventudes auto identificadas como lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans, queer, intersexo, assexuais, entre outras (LGBTQIA+), estudantes de escolas públicas de ensino médio do território do Grande Bom Jardim, periferia urbana de Fortaleza-CE.

¹² Frase dita por alunos participantes do dispositivo-grupal ao nos depararmos nos corredores escolares, momentos antes de iniciar os encontros do grupo na escola Lua. A palavra “gays” está destacada visto que, nesse contexto, estaria se referindo a todos os integrantes da sigla LGBTQIA+ participantes dos grupos.



Esta pesquisa, e consequentemente a ação de extensão, possui como eixo de justificativa a realidade com a qual populações LGBTQIA+ se deparam histórica e socialmente no Brasil. Uma realidade de violências explícitas e veladas, silenciamentos, extermínios e marginalizações aos quais são impelidos sobretudo em sua dimensão simbólica, em que o modelo normativo e hegemônico de família e da sexualidade são fundadas pelo sistema cisheteropatriarcal de base colonial, produzindo apagamentos e silenciamentos de diversidades que se descolam desse modelo tradicionalista (Cerqueira, et al., 2021). O avançar das ideias conservadoras no poder na contemporaneidade representa também um desafio para diversas políticas institucionais democráticas e de direito como a escola como um todo que, enquanto uma instituição complexa, é atravessada por diversos tensionamentos sociais e políticos, sobretudo as públicas. Visto que, por um lado, é tida enquanto equipamento voltado à educação, ao preparo dos indivíduos para o exercício das diversas formas de profissão, à construção de conhecimento e a produção de consciências críticas da realidade, exercendo um papel protetivo das infâncias e juventudes. Enquanto, por outro lado, é também um espaço de normatização e docilização de processos de subjetivação. As pautas das discussões de gênero e sexualidade por serem discussões sensíveis diante do avanço do conservadorismo na política brasileira, também são sensíveis dentro do espaço escolar.

A perspectiva psicossocial dos grupos é voltada aos processos de reflexão crítica da realidade social vivenciada nas periferias urbanas, bem como dos sofrimentos decorrentes dos efeitos psicossociais de realidades atravessadas por violências e opressões cotidianas e possui compromisso ético-político de buscar transformação social das condições aviltantes existentes. O viés do grupo psicossocial não se propõe a ser terapêutico, embora haja nele uma perspectiva de clínica ampliada visto que durante os encontros afloram sentimentos, sensações comuns e que são partilhadas, o que pode colaborar para reelaborações subjetivas de sofrimentos vivenciados (Afonso, 2010; Cavalcante, 2021).

Nessa direção, a perspectiva de grupos é tomada a partir da ideia de dispositivo-grupal (Barros, 1997) que se orienta pela compreensão de que estes funcionam como dispositivos de produção de subjetivação, afastando-se da noção



massificante ou totalizante de grupo. Portanto, entender o grupo como um dispositivo compromete alguns deslocamentos de concepções molares, como a desconstrução do lugar do “universal” nos processos grupais, que serão observados ou representados, dando ênfase nos movimentos de produção dos processos (Barros, 1997). No trabalho com grupos, nessa perspectiva, as conexões se estabelecem entre modos de existencialização distintos, o que pode gerar campos de tensões, confrontos, interrogações, que são fundamentais ao processo. Nestes trabalhos a aposta na produção de um plano comum, é uma aposta nas potências das narrativas e das experiências dos jovens que podem se reconhecer e também serem reconhecidos, pondo em análise questões político-sociais envoltas nessas experiências (Rocha; Aguiar, 2003; Barros; Silva; Gomes, 2020).

O “grupo das gays” ocorreu entre os meses de outubro e dezembro de 2023, em uma escola pública de ensino médio em tempo integral, localizada no bairro Siqueira, pertencente ao Fórum de Escolas da região, e que apresentava demandas relacionadas às juventudes LGBTQIA+. Participaram dos encontros jovens matriculados na respectiva escola, que residem nos bairros do Grande Bom Jardim inscritos através de formulário e mediante livre interesse. Ao todo, contou-se com a adesão de 12 jovens autoidentificadas como: um menino trans pansexual, uma pessoa não binária pansexual, um menino cis bissexual, três meninos cis gays, três meninas cis lésbicas, duas meninas cis bissexuais e uma menina cis pansexual, evidenciando uma grande diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero. Em relação à identificação racial, a maioria, seis membros, se identificava enquanto pessoas pretas, sendo os demais três pessoas brancas e três pessoas pardas.

Ocorreram um total de cinco encontros, às quartas-feiras à tarde, nas dependências da escola, horário em que os alunos eram destinados a disciplinas eletivas. Nesses encontros, foram discutidas suas trajetórias, os processos de opressão e resistências que vivenciavam, bem como se construiu coletivamente cuidado coletivo e reelaboração subjetiva dos sofrimentos. No primeiro encontro, iniciamos apresentando a proposta do grupo, afirmando seus objetivos e estabelecendo acordos coletivos. Em seguida, lançamos como provocação para



suscitar as primeiras discussões a pergunta: como é ser jovem LGBTQIA+ no Bom Jardim? Nesse momento as colocações giraram em torno de experiências de sofrimento na família, escola e comunidade, assim como algumas alianças e rede de apoio em construção. Diante disso, dispondo de cartolina, canetinha e *post it*, orientamos que eles colassem no cartaz os temas que gostariam de abordar durante a execução do grupo, ao final, aglutinando temas. Obtivemos assim, o cronograma de encontros:

- 1º: Pactuação, vinculação e mapeamento de interesses;
- 2º: Aceitação pessoal, dúvidas sobre questões de gênero e sexualidade;
- 3º: Família e Relacionamentos;
- 4º: Violência, sofrimento, LGBTfobia e saúde mental; e
- 5º: Política Pública, Escola, Mercado de Trabalho.

No segundo encontro (aceitação pessoal, dúvidas sobre questões de gênero e sexualidade), a metodologia proposta foi a dinâmica do “repolho de papel” que consiste em vários papéis amassados com perguntas mobilizadoras em uma espécie de bola e a medida que a bola ia passando de mão em mão, cada jovem retirava uma folha, lia a pergunta que iria mobilizar a discussão. As perguntas lidas foram: “Como foi minha experiência de reconhecimento?”; “Eu me sinto seguro/a/e em ser quem eu sou na escola?”; “A escola pra mim é...?”; “Que lugares eu me sinto segura/o/e para conversar sobre questões de gênero e sexualidade?”; “Quem foi a sua primeira referência LGBTQIA+?”; “Um mundo ideal para ser LGBTQIA+?”. Tais questões geraram muitos desabafos sobre transição de gênero, discriminações e violências, e diversos posicionamentos LGBTQIA+fóbicos, sobretudo Transfóbicos, por parte da gestão escolar.

No terceiro encontro, orientado a questões familiares e de relacionamento, os jovens foram divididos em dois grupos e construíram duas esquetes mobilizadas a partir das perguntas: 1) Como eu me vejo, jovem LGBT, em minha família? e 2) Como eu sou visto, sendo um jovem LGBT, em minha família? Ambas tematizaram



momentos de “saída do armário”, com elementos de humor, violência e frases impactantes, aparecendo ainda personagens que representavam familiares que acolhiam, defendiam e apoiavam os jovens LGBTQIA+. Em um momento posterior de discussão das esquetes, compartilharam que a construção se deu a partir de uma mescla de episódios vivenciados por eles próprios.

No penúltimo encontro discutimos violência, sofrimento, LGBTfobia e saúde mental. Com o auxílio de papéis e canetas, foram orientados a escrever frases, palavras e situações que vivenciaram que geraram sofrimento. Evidenciou-se as seguintes escritas: “Prefiro que você seja uma viciada do que ver você com outra mulher”; “Você sabe o que faz”; “Claro que ele vai preferir eu do que você”; “Você não é nada pra mim!”; “Você tá levando ela pro caminho do inferno (mãe)”; “Só aceitei porque você estava nervosa, mas não vá pensando que você e ela vão ser um casalzinho (pai)”; “Você quer ser um menino”; “Você não se decide (sobre ser bissexual)”; “Se você quer ser viado, você pode ser, mas não perto de mim”. Após, no momento de compartilhamento sobre a atividade, mobilizaram-se emoções (choro e abraços) quando contaram que as frases foram ouvidas principalmente não apenas na família, mas também na escola e na comunidade.

O quinto e último encontro foi marcado pela reelaboração das frases violentas emergidas no encontro anterior. Estimulamos a pensar respostas às ofensas e às insensibilidades não como uma reatividade ao que lhes foi dito, mas pensando em como eles se imaginavam frente ao cenário de violência que os atravessaram (atravessam), e muitas outras pessoas LGBTQIA+. Intervindo no mesmo cartaz em que colaram as frases, com materiais artísticos a disposição (canetinhas, lápis de cor, tesoura cola, revistas), compuseram colagens e livres expressões que expressaram contraposições e movimentos de resistência frente à LGBTQIA+fobia.

Por fim, observamos que os encontros realizados no “grupo das gays” possibilitaram a criação de espaços de escuta, acolhimento e reflexão para as juventudes LGBTQIA+ que enfrentam realidades de opressão em diversos âmbitos sociais, sobretudo na família, escola e comunidade. Através do dispositivo-grupal utilizando metodologias participativas e inventivas, foi possível criar um ambiente de troca e acolhimento, onde os participantes puderam partilhar as suas experiências de



sofrimento, mas também as resistências que produziam cotidianamente, seja de forma individual ou coletiva, possibilitando o fortalecimento de redes de apoio e autoestima. Ao abordarmos temas como as relações sociais e familiares, as vivências escolares, a LGBTQIA+fobia, e as questões de saúde mental, os encontros não só propiciaram a reflexão sobre as dificuldades enfrentadas, mas também proporcionaram a construção de estratégias de enfrentamento, através da partilha de experiências, o que pode viabilizar, em muitos momentos, processos de reelaboração subjetiva dessas vivências.

Percebemos, dessa forma, que o dispositivo-grupal se configura enquanto metodologia de trabalho potente em que as pluralidades e diversidades de gênero e sexualidade são acolhidas e respeitadas. Além disso, é importante ressaltar o compromisso ético-político que o dispositivo-grupal possui de transformação social, ao visibilizar a marginalização das juventudes LGBTQIA+ de periferias urbanas e ao tentar promover diálogos a fim de estimular um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor. Nesse sentido, o “grupo das gays” pode ser visto enquanto uma ação de articulação entre o campo de garantia dos direitos LGBTQIA+ e o campo educacional, visto que, ao criar espaços de acolhimento e escuta dentro da escola, o grupo teve como compromisso o fortalecimento do protagonismo dos próprios jovens ao narrarem suas histórias de vida, além de, reelaborar coletivamente as violências e as violações de direitos vivenciadas e traçarem estratégias de enfrentamento a essas opressões.

Considerações Finais

O Projeto Histórias Desmedidas, desde o seu início, tem se pautado na premissa de que a abordagem dos aspectos psicossociais das violências e das práticas de reexistências constitui um eixo central para o estabelecimento de relações entre pesquisa e extensão, psicologia e educação, universidade, Estado e sociedade na contemporaneidade, bem como para a inter(in)venção e a pesquisa nas margens urbanas (Atem; Moura Jr; Barros, 2020). Através da constituição de grupos de apoio psicossocial direcionados a indivíduos inseridos em contextos de violência urbana, da produção de materialidades audiovisuais que veiculam narrativas de reexistências periféricas e da participação em fóruns de articulação de movimentos sociais e



organizações da sociedade civil, destacam-se os resultados qualitativos obtidos pelo projeto, decorrentes de seus objetivos e delineamentos metodológicos que visam à promoção de espaços de escuta e cuidado em saúde mental para pessoas diretamente impactadas pelas dinâmicas da violência urbana em Fortaleza; à potencialização de processos de desestigmatização e visibilização de populações periferizadas, frequentemente submetidas a lógicas coloniais de apagamento, silenciamento e criminalização, intrincadas com o racismo, a LGBTQIAP+fobia, o adultocentrismo, o machismo e a segregação socioespacial; e ao monitoramento de políticas públicas, à produção de recomendações para tais políticas e à articulação da universidade com movimentos, coletivos e organizações da sociedade civil.

Se existem tentativas persistentes de apagar e desconsiderar referenciais constituintes das populações periferizadas, na mesma proporção emergem resistências que buscam promover o espetáculo da vida em contraposição à profecia da morte (Santos, 2024). As metodologias utilizadas nas ações do projeto *Histórias Desmedidas* remetem a uma postura do VIESES sobre a necessidade de implementarmos práticas que possam romper com concepções hegemônicas consolidadas historicamente. São reflexões que lidam com o contínuo enfrentamento às lógicas coloniais, capitalistas, patriarcais, heterocisnormativas e, especialmente, epistemicidas. Sempre que possível, evidenciando as potentes trocas evidenciadas em processos interepistêmicos e de encruzilhadas teórico-metodológicas.

Referências

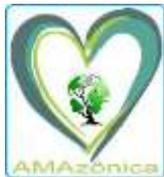
- Achinte, A. A. *Prácticas creativas de re-existencia: Más allá del arte...* El mundo de sensible. Buenos Aires: Del Signo, 2017.
- Andrade, E. (2023). *Negritude sem identidade: Sobre as narrativas singulares das pessoas negras*. N-1 Edições.
- Afonso, M. L. (Ed.). (2010). *Oficinas em dinâmica de grupo: Um método de intervenção psicossocial*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Atem, E. G.; Moura JR J F.; Barros, J. P. P. (2020). Pesquisar n(as) margens: especificidades da pesquisa em contextos periféricos. In: Cerqueira-Santos, E; Araújo, L. F. (Org.). *Metodologias e Investigações no Campo da Exclusão Social*. 1ed. Teresina: EDUFPI, v. 1, p. 13-31.



- Barros, J. P. P., Gomes, C. J. de A., Gondim, G. C. L. F., Bezerra, M. A., & Calais, L. B. de. (2023). Festival das Juventudes: re-existências periféricas durante a pandemia da Covid-19: re-existências periféricas durante a pandemia da Covid-19. *Psicologia Argumento*, 41(112). <https://doi.org/10.7213/psicolargum.41.112.AO03>
- Barros, J. P. P., Silva, D. B., & Gomes, C. J. A. (2020). Dispositivos grupais com jovens: Rizomas em territorialidades periféricas. In F. C. S. Lemos et al. (Eds.), *Pesquisar com as psicologias: Artesanias e artifícios* (Vol. 10, pp. 205-226). Curitiba: CRV.
- Barros, J. P. P.; Benício, L. F. S.; Bicalho, P. P. G. (2019). Violências no Brasil: que Problemas e Desafios se colocam à Psicologia? *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, n. spe2.
- Barros, J. P. P. et al (2019). Criminalização, Extermínio e Encarceramento: Expressões Necropolíticas no Ceará. *Revista Psicologia Política*, v. 19, n. 46, p. 475-488
- Barros, J. P. P. (Orgs). (2019) *Juventudes em Movimento: experiências, redes e afetos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.
- Barros, J. P. P.; Benício, L. F. S. (2017). “Eles nascem para morrer”: uma análise psicossocial da problemática dos homicídios de jovens em Fortaleza. *Revista de Psicologia da UFC*, v. 8, n. 2, p. 34- 43, 2017.
- Barros, J. P. P. et al. (2017) Homicídios juvenis e os desafios à democracia brasileira: Implicações ético-políticas da psicologia. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 37, n. 4, p. 1051-1065.
- Barros, R. G. B. (1997). Dispositivos em ação: o grupo. In: Silva, A. E. et al. (org.). *Saúde Loucura 6: subjetividade questões contemporâneas*. São Paulo: Editora Hucitec. p. 183-191.
- Benicio, L. F. S., Barros, J. P. P., Silva, D. B., Leonardo, C. S., & Costa, A. F. (2018). Necropolítica e pesquisa-intervenção sobre homicídios de adolescentes e jovens em Fortaleza-CE. *Psicologia: Ciência e Profissão (Online)*, 38, 192-207.
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia Das Letras.
- Bento, M. A. S. (2014). Branqueamento e Branquitude no Brasil. In I. Carone & M. A. S. Bento (Eds.), *Psicologia Social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Vozes.
- Carneiro, S. (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. Selo Negro.



- Cavalcante, L. F. (2021). Fórum de Escolas pela Paz do Grande Bom Jardim: Enfrentamentos às dinâmicas da violência armada em periferias de Fortaleza (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil.
- Cerqueira, D., et al. (2021). *Atlas da violência 2021*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
- Collins, P. H. (2019). Pensamento Feminista Negro: o poder da Autodefinição. In *Pensamento feminista: Conceitos fundamentais* (pp. 341–352). essay, Heloísa Buarque de Hollanda.
- Costa, E. A. G. A., Moura Jr., J. F., & Barros, J. P. P. (2020). Pesquisar n(as) margens: Especificidades da pesquisa em contextos periféricos. In E. Cerqueira-Santos & L. F. Araújo (Orgs.), *Metodologias e investigações no campo da exclusão social* (pp. 13–31). EDUFPI.
- Crenshaw, K. (2017). *On Intersectionality: Essential Writings*. Nova York: The New Press.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Editora Civilização Brasileira.
- Fanon, F. (2022). *Os condenados da terra*. Zahar.
- Faria, L. L.; Mayorga, C. (2024). Alianças afetivas e interepistêmicas para sonhar práticas psicossociais e mundos outros. In: Cátia Paranhos Martins; Jaileila de Araújo Menezes (Org.). *Insubmissas práticas psicossociais: tarefas do presente, questões urgentes*. 1ed.São Carlos, SP, pp. 37-48.
- França, D. X. (2006). Socialização do preconceito em crianças negras, mulatas e brancas do Brasil [Tese de doutorado não publicada]. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Galindo, D. C. G., et al. (2022). Poéticas grupais em psicologia: relatos de experiências. *Gerais : Revista Interinstitucional de Psicologia*, 15(1), 1-19. <https://doi.org/10.36298/gerais202215e17559>
- Hartman, S. (2020). Vênus em dois atos. *Revista ECO-Pós*, 23(3), 12–33. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano* (Trad. Jess Oliveira). Cobogó.
- Lacaz, A. S., Lima, S. M., & Heckert, A. L. C. (2015). Juventudes Periféricas: Arte e Resistências no Contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, 27(1), 58–67. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n1p058>



- Lima, F. (2020). Trauma, colonialidade e a sociogenia em Frantz Fanon: Os estudos da subjetividade na encruzilhada. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72, 80-93. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2020v72s1p.80-93>
- Miranda, D. W., & Félix-Silva, A. V.. (2022). As Subjetividades Periféricas e os Impasses para a Descolonização da Clínica Psicológica. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 42(spe), e264143. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003264143>
- Mbembe, A. (2018). *Crítica da razão negra*. n-1 edições.
- Mbembe, A. (2020). *Políticas da inimizade*. n-1 edições.
- Moreira, M. G. R. (2021). A invenção dos “pirangueiros”: branquitude, relações de inimizade, necropolítica e seres matáveis. In J. P. P. Barros, J. S. Rodrigues, & L. F. de S. Benício (Eds.), *Violências, desigualdades e (re)existências: cartografias psicossociais*. Expressão Gráfica e Editora.
- Pereira, T. M. (2016). Revisitando o arquivo colonial: as artes visuais como espaço de revisão crítica do passado e afirmação de alteridades. *Handle.net*, 2(14), 36–51. <https://doi.org/2192-908X>
- Rocha, M. L., & Aguiar, K. F. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(4), 64-73.
- Schucman, L. V. (2018). *Famílias inter-raciais: Tensões entre cor e amor*. EDUFBA.
- Santos, A. B. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- Santos, B. V (2024). “Já pá rua”: ativismo político-cultural como enfrentamento ao epistemídio da juventude negra na cidade do Recife. 2024. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Silva, F. R. do N., Freitas, G. J. de, Alencar, C. N. de, & Gadelha, K. B. (2023). Microfone Aberto. *Trabalhos Em Linguística Aplicada*, 62(2), 337–350. <https://doi.org/10.1590/01031813v62220238671386>
- Silva, D. B. da, Leonardo, C. dos S., Barros, J. P. P., Costa, É. A. G. de A., Macedo, J. P. S., Azigon, T., & Silva, L. (2023). Produções Literárias e Audiovisuais nas Periferias de Fortaleza: (Re)Inventando Territórios de Infâncias e Juventudes Periféricas. *Revista de Psicologia*, 14. <https://doi.org/10.36517/revpsiufc.14.2023.e023001>
- Souza, N. M; Barros, J. P. P.; Gomes, C. J. A.; Cavalcante, L. F; Vieira, E. M ; Rodrigues, J. S; Cardoso, R. C. S.; Costa, A. E. V; Boutala, A. T. A. N.; Araújo, M. B. M.. Projeto Histórias Desmedidas durante e após a pandemia de Covid-19: reconfigurações e experiências. In: Barros, J. P. P & Atem, E. & Vieira, E. M & Jucá, V. J. S & Benício, L. F. S & Gomes, C. J. A. G. (2023). *Psicologias em Contextos (Pós)Pandemicos: saberes e fazeres insurgentes*.



Veiga, L.(2021). *Clínica do impossível: Linhas de fuga e linhas de cura*. Telha edições.

Recebido: 12.12.2024

Aprovado: 20.12.2024

Publicado: 01.01.2025

Autores

João Paulo Pereira Barros

Docente efetivo do Departamento de Psicologia e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC. Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq. Coordenador do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES-UFC). E-mail: joapaulobarros07@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7680-576X>

Ana Thais de Albuquerque Norões Boutala

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e bolsista do Programa de Iniciação Científica pelo CNPq. Membro do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES). E-mail: anaboutala@alu.ufc.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9727-7616>

Antonio Caio Renan Silva Penha

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação-PIBITI/UFC. Membro do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES). E-mail: caioerenan@alu.ufc.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5253-3092>

Bruno Vieira dos Santos

Pós-doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Psicologia e bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES-UFC) e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (GEPOL-UFPE). E-mail: brunovieira.comunica@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1572-1938>

Laisa Forte Cavalcante

Psicóloga, Mestre e Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Membro do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)



Subjetivação (VIESES) e membro conselheira suplente do Conselho Estadual de Combate a Discriminação LGBT+ (CECD/LGBT+). E-mail: laisacavalcante9393@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6523-847X>

Levi de Freitas Costa Araújo

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e bolsista do Programa de Iniciação Científica pelo CNPq. Membro do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES). E-mail: leviprofpsi24@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6898-1106>

Luiz Ricardo Rodrigues Santana

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e bolsista de extensão do Projeto Histórias Desmedidas. Membro do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES). E-mail: luizric@alu.ufc.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2972-4590>

Natália Matos de Souza

Psicóloga, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Membro do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES). Membro do PASÁRGADA: Programa de Promoção de Arte, Saúde e Garantia de Direitos. E-mail: nataliamatos776@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5064-5761>

Raimundo Cirilo de Sousa Neto

Psicólogo, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará e bolsista pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Membro do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES). E-mail: xcirilox@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5305-7121>

Rita de Cássia da Silva Cardoso

Psicóloga, Especialista em Educação e Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Membro do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES). E-mail: cassiacardosopsi@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0391-7234>